



UMA ANÁLISE DISCURSIVA DA POSIÇÃO-SUJEITO ‘MULHER-NEGRA’ NA OBRA “A VIDA E A HISTÓRIA DE MADAM CJ WALKER”

Natalie Soares dos Santos Novais¹

Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC)

Anderson Lins Rodrigues²

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

André Cavalcante³

Universidade Estadual de Santa Cruz/Universidade Federal de Pernambuco (UESC/UFPE)

RESUMO

Perante um debate ainda recorrente nos estudos feministas, a universalização da categoria mulher e a questão do sujeito do feminismo, a partir da Análise de Discurso materialista (AD), buscamos uma compreensão acerca da constituição da posição-sujeito mulher (e) negra a partir da produção audiovisual A vida e a história de Madam CJ Walker (2020). Os gestos de análise possibilitaram a compreensão de diferentes estruturas de opressão que tensionam as discursividades de gênero e raça no movimento de força da posição-sujeito mulher-negra.

Palavras-chave: Discurso. Gênero. Raça. Posição-sujeito mulher-negra. Memória discursiva.

ABSTRACT

According to feminist studies, the universalization of the category "woman" and the question of the subject of feminism remain recurring debates when analyzed through the lens of materialist Discourse Analysis (DA). We aim to understand the constitution of the subject-position 'black-woman' through the audiovisual production "Self Made: Inspired by the Life of Madam C.J. Walker (2020)". The analytical gestures enabled an understanding of the different structures of oppression that generate tensions within the discursivities of gender and race, in the process of constructing the subject-position 'black-woman'.

Keywords: Discourse. Gender. Race. Subject-position black-woman. Discursive memory.

PRIMEIRAS PALAVRAS: A CONSTRUÇÃO DISCURSIVA DA MULHER NEGRA

¹ Graduanda em Letras com habilitação em línguas portuguesa e inglesa e suas respectivas literaturas pela Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). E-mail: nssnovais.let@uesc.br

² Professor Adjunto de Língua Portuguesa e Linguística do Curso de Letras da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Atua no Programa de Pós-Graduação em Letras: linguagens e representações da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). Doutor em Letras pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). E-mail: lins.anderson10@gmail.com

³ Professor Visitante no Departamento de Letras e Artes da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). Pós-doutorando em Linguística no Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Realizou estágio de pós-doutoramento na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (FFCLRP/USP). Doutor em Estudos de Linguagem pela Universidade Federal Fluminense (UFF). E-mail: acbs.cavalcante@gmail.com



Sojourner Truth, na Convenção pelos Direitos das Mulheres em Akron, Ohio, em 1851, tocou em um ponto importante e crucial para a construção de um movimento feminista mais revolucionário que reformista, diferente do arco denominado como primeira onda do feminismo, representado principalmente por mulheres brancas de classe burguesa (ALVES; PINTAGUY, 1981). Em seu discurso, quando questiona “*E eu não sou uma mulher?*”, movimenta sentidos dessa categoria, hegemonicamente universalizada por um ponto de vista constituído em um lugar socialmente privilegiado, e identifica a opressão racial, tal como a opressão sexista, como estruturante das/nas suas experiências de vida.

Intencionando exercitar um lugar de escuta (MODESTO, 2020) em relação a tais vozes invisibilizadas, destacamos a produção audiovisual *A vida e a história de Madam CJ Walker* (2020), a partir da qual incide o nosso gesto teórico-analítico para esta pesquisa. Nossa atenção e a escolha dessa obra devem-se ao fato de que entendemos que ela se constitui como significativo registro filmico forjado justamente nessa tensão-articulação visceral entre as discursividades de gênero e raça.

A vida e a história de Madam CJ Walker (2020) é uma minissérie, protagonizada por Octavia Spencer e dirigida por Nicole Asher, baseada na história de *Sarah Breedlove*, primeira mulher negra a se tornar milionária nos Estados Unidos. *Sarah* passa a se interessar pela produção e pela comercialização de cosméticos e produtos para mulheres negras após conhecer *Addie Monroe*. Na minissérie, as personagens femininas, em sua maioria negras, são domésticas e comerciantes, que transitam entre a esfera privada e a pública, envolvidas nos trabalhos reprodutivos e produtivos, comumente ao mesmo tempo.

Perante um debate ainda recorrente nos estudos feministas acerca da universalização da categoria *mulher* no movimento feminista, justificamos esta pesquisa, ao mesmo tempo em que propomos, a partir da Análise de Discurso (AD), uma compreensão acerca da constituição da posição-sujeito *mulher (e) negra*. Faremos isso porque nossos gestos analíticos tomam como materialidades significantes algumas formulações ditas por/sobre elas que, enquanto identificadas como *mulheres (e) negras*, vivenciam/manifestam, em seus corpos, no gênero e na raça, os embates, as tensões, as dores e os processos de resistência que as situam frente a sentidos dominantes e hegemônicos que colocam as mulheres negras na posição de subalternizadas.

1 DISCURSO E GÊNERO: ARTICULANDO CONCEITOS

A partir da Análise de Discurso materialista (AD), área que articula linguagem, marxismo e psicanálise e se propõe a compreender o funcionamento da ideologia nas relações de linguagem, que constituem sujeitos e sentidos, fundamentamos nossa pesquisa para compreender a constituição discursiva da posição-sujeito *mulher (e) negra* a partir das personagens *Sarah* e *Addie*.

Para essa teoria, o discurso é entendido como “efeitos de sentidos” (PÊCHEUX, 2014) e o sujeito, noção fulcral da teoria, é o sujeito do discurso, atravessado pela Ideologia e pelo inconsciente (PÊCHEUX, 1995). Isto é, ele é interpelado a sujeito pela Ideologia e não tem acesso a como se identifica com determinados dizeres e como estes podem ter efeitos diferentes. Dessa maneira, o sujeito da AD é uma posição-sujeito inscrita em uma formação discursiva dada. Já esta outra noção é definida por Haroche, Pêcheux e Henry (2019 [1971]) como “aquilo que numa formação ideológica dada – ou seja, a partir de uma posição dada em uma conjuntura sócio-histórica dada – determina o que pode e deve ser dito”.

Nessa perspectiva, também consideramos a construção desse dispositivo teórico-analítico, a formulação de discursos racializados (MODESTO, 2020) que não se refere somente às



discursividades que tematizam raça. Tal como discursos racializados, os discursos gendrados (ZOPPI-FONTANA, 2017) não dizem respeito, exclusivamente, à discursividade de ou sobre gênero, mas circulam em variados contextos, formulações, com efeito de evidência. De outro modo, compreendemos os discursos gendrados enquanto discursividades atravessadas por sentidos de gênero, mesmo que sobre outros temas.

Quanto ao conceito de gênero, consideramos as ponderações de Butler, que gênero é performatividade, por isso, uma identidade de gênero é uma identidade performativa; efeito de uma encenação, uma série de atos performativos, “uma espécie de imitação insistente, que passa como real” (BUTLER, 2019, p. 9). De outro modo, a performance é uma interpretação de normas de gênero historicamente localizadas, logo, não é o gênero algo natural, estático, ou que possua origem e fim. Gênero como “lugar-mecanismo que estrutura os sujeitos em sociedade, [...] ou seja, gênero como expressões/vivências dos sujeitos em suas variadas e contingentes relações histórico-sociais com as transversalidades de significações e de saberes sobre masculinidades e feminilidades” (LINS, 2021, p. 20).

Nesse sentido, propomos articular a AD com os estudos de gênero, imbricados às tensões de raça e classe.

2 GÊNERO E RELAÇÕES ASSIMÉTRICAS: AS ANÁLISES

Muito a propósito, ao estabelecer uma aproximação com a narrativa audiovisual já citada, vejamos, por exemplo, a personagem *Sarah ou Madam CJ Walker*, que sempre exerceu o trabalho produtivo e, a partir da empresa *Walker*, se torna a principal provedora econômica da sua família, considerando não só a família nuclear, já que genro e sogro conviviam no mesmo lar e, para ela, prestavam serviços.

Sarah Breedlove trabalha como lavadeira e já havia se divorciado do pai de sua filha antes de conhecer *Charles Walker*, que dá nome à sua marca. Na trama, *Sarah* conhece *Addie Monroe*, também do ramo de cosméticos capilares, quando, por conta de uma alergia, seu cabelo cai, e *Addie* a ajuda com seu próprio elixir capilar. Após recuperar a saúde dos cabelos e a autoestima, *Sarah* decide ter seus próprios produtos e dedica seus esforços a expandir sua marca, ao passo que isso a distancia dos ideais hegemônicos de mãe e de esposa.

A obra decorre após a Guerra Civil americana – período em que uma série de acontecimentos marcam as lutas contra a escravatura e o processo de industrialização do país – no fim do século XIX. Desse modo, o desenvolvimento econômico e urbano é estampado na minissérie, assim como a representatividade de pessoas negras em diferentes posições sociais, inclusive na política. Contudo, questões raciais não deixam de aparecer, no âmbito público e no privado, assim como as questões de gênero.

2.1 COLORINDO O GÊNERO, GENERIFICANDO A COR

A vida e a história de Madam CJ Walker apresenta uma rivalidade que não existiu entre *Sarah Breedlove* e *Annie Malone*, empresária e ativista, que também se tornou milionária e colaborava com o desenvolvimento profissional, econômico e da autoestima de mulheres negras, na qual a personagem *Addie Monroe* é inspirada. Como recurso do enredo, a rivalidade entre as duas empresárias se fundamenta na diferença fenotípica das personagens. Na minissérie, *Addie Monroe* é uma mulher negra de pele clara, com traços – nariz e boca – mais finos e cabelos menos crespos. Essa diferenciação é possível por conta do colorismo que “é uma construção ligada à ideia de



supremacia branca, portanto, não originada nas interações endógenas dos membros da comunidade negra; é empregado por brancos sobre negros e por negros sobre negros" (DEVULSKY, 2021, p. 19).

Neste primeiro momento, apresentamos gestos de análise sobre as sequências que tangenciam o tensionamento gênero e colorismo, a partir de uma cena que envolve *Sarah* e *Addie*. A narrativa se utiliza dessa diferença, mulher negra retinta e mulher negra de pele clara, para desenvolver a trama. Em uma das cenas do primeiro episódio da minissérie, *Addie Monroe* está aplicando seu produto no cabelo de *Sarah*, que ainda trabalhava para ela como lavadeira como uma forma de permuta pelo tratamento capilar. Enquanto aplica o produto em *Sarah*, *Addie* conversa com suas vendedoras que, como ela, são negras de pele clara, e dá orientações sobre como vender o elixir capilar. Traremos, nas análises, alguns recortes discursivos (Sequências Discursivas – SD), para representar o funcionamento do nosso *corpus* de análise.

SD 1: *Addie Monroe*: Se uma lavadeira como a *Sarah* consegue, vocês também conseguem.

Com vistas ao desenvolvimento da análise que faremos, faremos uso do exercício de paráfrases – recurso analítico que, segundo Lagazzi (2015), ao buscar por *derivas possíveis*, considerando as condições de produção do enunciado e, através desse procedimento e da identificação de famílias parafrásticas, podemos, enquanto analistas, acessar as formações discursivas que fazem funcionar uma dada discursividade. A partir da SD 1, elaboramos, então, as seguintes paráfrases:

Se *Sarah*, uma lavadeira, consegue, vocês também conseguem.
Se *Sarah*, uma lavadeira, consegue, vocês também são capazes.
Se uma lavadeira consegue vender, vocês também são capazes.
Se uma lavadeira consegue vender, vocês também podem.
Se *Sarah*, uma lavadeira, pode, vocês também podem.

Nas paráfrases da SD 1, o verbo “conseguir” funciona significando “capacidade” e estabelecendo relação semântica com “ser capaz”, “poder”. Se considerarmos as paráfrases *a* e *e* da SD 1, o procedimento de paráfrases decorre do efeito metafórico (PÊCHEUX, 2014, p. 34) por meio da substituição de um termo, de mesma classe gramatical, sem alteração de sentido (*conseguir* por *poder*).

Neste sentido, a enunciação estabelece comparações entre *Sarah*, mulher negra retinta, e *Addie* e suas vendedoras, mulheres negras de pele clara. A comparação se refere a diferentes graus de capacidade de venda, numa escala em que *Sarah*, que é uma lavadeira, seria menos capaz e *Addie*, a empresária, assim como suas vendedoras, seriam mais capazes.

Em suma, elaboramos a seguinte escala: *Sarah* (mulher negra retinta) e lavadeira é menos capaz/não pode < *Addie* e suas vendedoras (mulheres negras de pele clara) e vendedoras são mais capazes/podem. Sendo assim, a aparência está condicionada não só à habilidade, mas também à possibilidade de ocupar um status profissional. Portanto, nessa escala comparativa de aparência, mulheres de pele clara não só podem como são mais capazes de exercer a profissão de vendedora,



assim como uma mulher retinta estaria restrita à tarefa de lavadeira. Entretanto, a comparação não se resume apenas à capacidade profissional dessas mulheres. Em seguida, na mesma cena, *Addie* afirma para suas vendedoras:

SD 2: Addie Monroe: Só precisam convencer as clientes de que, com meus produtos, ficarão parecidas comigo. Ou, pelo menos, com vocês.

A partir da SD 2, elaboramos as seguintes paráfrases:

- a. Só precisam convencer as clientes de que ficarão parecidas comigo, com meus produtos. Ou, pelo menos, com vocês.
- b. Só precisam convencer as clientes de que ficarão parecidas comigo, usando meus produtos. Ou, pelo menos, com vocês.
- c. As clientes ficarão parecidas comigo, usando meus produtos.
- d. As clientes usarão meus produtos porque ficarão parecidas comigo.
- e. As clientes desejam ficar parecidas comigo, por isso, usarão meus produtos.

Nessa escala comparativa, a referência é a aparência. A comprovação de que o produto capilar é bom, é eficaz em proporcionar saúde e beleza para os cabelos. E, neste sentido, a eficácia em deixar as usuárias desse produto parecidas com sua proprietária ou, *pelo menos*, com suas vendedoras. Nessa escala comparativa, em que a aparência implica beleza, *Addie*, mulher negra de pele clara e cabelos menos crespos, seria a mais bela, ao passo que as suas vendedoras, também mulheres não retintas, seriam o mínimo ideal a se alcançar. As três representam um padrão de beleza a ser alcançado através dos produtos capilares de *Addie*.

Neste momento, operacionalizamos o procedimento parafrástico empregando substituições e mudanças sintáticas. No grupo de paráfrases da SD 2, identificamos novamente um contraste, agora, entre *Addie* e suas vendedoras em relação às suas clientes: de um lado, o perfil desejado e, do outro, aquele que deseja. E, desse modo, permanece o contraste, a dualidade: (1) *Addie* e suas vendedoras, mulheres negras de pele clara, perfil desejado, e (2) *Sarah* e as clientes, mulheres retintas que desejam ser/ter o outro perfil.

Para concluir esta seção de análise, seguimos para a SD 3. Após usar o elixir que *Addie Monroe* oferece para levantar a autoestima de *Sarah*, ela deseja ser sua vendedora, entretanto, *Addie* estava interessada apenas em seus serviços como lavadeira e não queria *Sarah* como representante da própria marca, pois, segundo *Addie*, *Sarah* não faz “o tipo” de vendedora.

SD 3: Addie Monroe: Mesmo com suas melhores roupas, parece que acabou de sair da plantação. São meus produtos. E não quero sua imagem associada a ele.

Diante dessa sequência discursiva (SD 3) e, também, considerando as sequências anteriores que comparecem nesta última, elaboramos as seguintes formulações:



- a. A imagem de Sarah não pode ser associada aos produtos da Addie.
- b. Mesmo com boas roupas, Sarah aparenta ter saído da plantação.
- c. A imagem de Sarah é a imagem de uma pessoa que aparenta ter saído da plantação.
- d. A imagem de uma pessoa que saiu da plantação não pode ser associada aos produtos de Addie.
- e. Os produtos da Addie podem fazer com que mulheres se pareçam com ela, ou suas vendedoras, mulheres negras de pele clara.
- f. Mulher negra de pele clara é um padrão de beleza que pode ser alcançado pelos produtos de Addie.
- g. Os produtos da Addie não podem ser associados à imagem de alguém que parece ter acabado de sair da plantação.
- h. Os produtos da Addie não podem ser associados à imagem de uma mulher negra retinta.
- i. Parecer-se como uma mulher negra retinta está distante do padrão de beleza.

As sequências discursivas, acima mencionadas, sugerem que os produtos de Addie e sua marca representam um “tipo” que deve ser almejado e alcançado. Esse mesmo “tipo” pode ser representado por Addie. Por outro lado, Sarah Breedlove, uma lavadeira, não pode ser associada ao seu produto e marca porque ela não representa esse “tipo”, assim como suas clientes, que desejam alcançá-lo. Mas que tipo é esse?

Não seria *Addie Monroe* também uma mulher negra, tal como *Madam CJ Walker*? Addie Monroe é determinada e condicionada a uma estrutura à qual é assujeitada (Leandro-Ferreira, 2010). Ao ser interpelada ideologicamente pela Ideologia dominante, a personagem se inscreve numa formação discursiva colonial e racista, que é a mesma que a subjuga.

Conforme Orlandi (2020, p 34), “em todo dizer há sempre algo que se mantém, isto é, o dizível, a memória”. Nas três sequências discursivas, *Addie* evidencia uma diferenciação entre ela e *Sarah*. Há um contraste entre um eu/nós (*Addie*/suas vendedoras) e um outro (*Sarah*/suas clientes). De um lado, *Addie*, mulher negra de pele clara, portanto, o “tipo”, padrão de beleza a ser alcançado por meio dos produtos. De outro, *Sarah*, mulher negra retinta, com aparência de quem acabou de sair da plantação, um “não tipo”. Essa hierarquização se dá não só pelo tom de pele mais claro, mas por tudo que a pele, o fenótipo, pode representar. Essa relação com o colorismo significa para os sujeitos os lugares que a ideologia dominante coloca determinados sujeitos a partir da reprodução de discursos.

A partir das nossas análises, compreendemos o funcionamento de uma formação discursiva eurocêntrica, na qual circulam dizeres sobre branquitude e negritude, com efeitos de positivação/superiorização e negativação/inferiorização na relação entre corporeidades negras retintas e negras de pele clara.

Pela interpelação ideológica colonial e racista, *Addie Monroe* se inscreve nessa formação discursiva que a mobiliza a replicar os sentidos que, contraditoriamente, também a vitimam. Ao reproduzir o contraste de um eu/nós e um/outro, a personagem atualiza um dualismo entre branquitude e negritude, por meio do intradiscursivo (PÊCHEUX, 1995).

Compreendemos que a ideologia eurocêntrica e cristã é dual e opera por um sistema binário. Fanon (2020), em “Pele negra, máscaras brancas”, enumera uma série de palavras e



expressões ligadas ao negro: mal, carrasco, Satã, trevas, sujo, pecado. A branquitude, por outro lado, é representada pelo bem, por um Deus universal, pela luz, limpeza, virtude e beleza.

Segundo Fanon (2020, p. 23), o povo colonizado “nasceu de um complexo de inferioridade devido ao sepultamento de sua originalidade cultural”, perante a linguagem e a cultura brancocêntrica, ou seja, de uma matriz branca que determina o que é bom, virtuoso e belo. Portanto, ser menos negra, ou, pelo menos, não ser retinta, é ser bela ou menos feia. Uma mulher negra de pele clara, traços finos e cabelos menos crespos se aproxima da branquitude e do que pode ser considerado belo. O contraste entre *Addie* e *Sarah* serve à minissérie como um recurso do enredo, mas também serve à compreensão do colorismo, que constitui a formação ideológica de sociedades colonizadas.

A condição fenotípica de *Addie Monroe* permite que ela se beneficie da mesma estrutura colonial e racista e se inscreva na formação colonial e racista. Esta assimilação torna-se possível a partir do colorismo, que assim como o racismo, é uma ideologia manifestada por políticas de branqueamento e possibilitam a distribuição de qualitativos estéticos, intelectuais e culturais (DEVULSKY, 2021), inclusive, agindo dentro de comunidades negras.

Nessas análises, observamos posições diferentes: temos *Addie Monroe*, empresária, pele clara, bela e desejada; e, do outro, temos *Sarah*, encerrada no papel de lavadeira, retinta e com aparência de quem trabalha na plantação. Vale ressaltar, também, o lugar que a plantação remete à memória discursiva sobre os sujeitos negros de pele retinta. A partir da memória discursiva, podemos compreender como esses dizeres se significam numa formação discursiva colonial e racista.

Na AD, “a memória discursiva seria aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os “implícitos” (PÊCHEUX, 1999, p. 52). Neste sentido, a plantação remete ao sul dos Estados Unidos, às colônias onde a abolição da escravatura foi mais resistente e onde permaneceu por mais tempo uma sociedade essencialmente rural. A plantação remete à escravidão, à lavoura, episódio em que os negros em sua maioria ainda eram servos, submissos, subalternizados e sem civilidade, essas imagens que circulam dentro de dadas condições de produção e, sob a repetição, constituem uma regularização e produzem sentidos à imagem de quem “aparenta ter saído da plantação”, com efeito de evidência.

2.2 “EU SOU UM HOMEM, MAS VOCÊ NÃO É UMA MULHER”: DISCUTINDO SENTIDOS DOMINANTES DE GÊNERO

Considerando a identidade racial de *Sarah Breedlove*, num país que, há pouco, havia promulgado a liberdade dos negros escravizados, imaginamos o quanto *Sarah* lutou, até conquistar o sucesso e o prestígio social e econômico, contra todas as violências que sua identidade racializada impõe às pessoas de sua comunidade e, ainda, contra as violências de gênero de uma sociedade patriarcal.

O fato de homens, apesar de negros, nem sempre serem aliados da luta feminista não é ineditismo da minissérie. Lembremos: na disputa por direitos políticos, o movimento feminista e o movimento antirracista entram num embate, pois, mulheres brancas – representantes do movimento feminista hegemônico – e homens negros – à frente do movimento antirracista –, até então, não enxergam as estruturas que os oprimem como estruturas convergentes (KILOMBA, 2020, p. 100).

Mas, “quando a mulher negra se movimenta, toda a estrutura da sociedade se movimenta com ela” (DAVIS, 2017). E é o que *Madam CJ Walker* possibilita ao erguer o seu “império”. A empresa



Walker, de cosméticos femininos, favoreceu homens e mulheres negras, ao passo -que integrou muitas mulheres negras no sistema de produção e comercialização de seus produtos, nas escolas de formação profissional e, através de financiamento de instituições educacionais, orfanatos e asilos, voltadas às pessoas negras, favoreceu o desenvolvimento socioeconômico de mulheres e homens de sua comunidade.

No entanto, a competência da gerência de *Madam CJ Walker* é questionada, ao pedir investimento de empresários negros (por seu gênero?) para abrir a própria fábrica. *Sarah* tenta convencer um possível apoiador, *Ransom Washington*, a investir em sua fábrica e, durante uma breve discussão, percebe que não é apoiada porque o representante político não apoiaria que mulheres negras, empregadas, ganhassem mais que os homens da própria comunidade. Kilomba (2020) conceitua o *racismo genderizado* e explica que a ausência da interseccionalidade (relação entre diferentes eixos de opressão sem hierarquizá-los), enquanto ferramenta metodológica de análise de opressões, invisibiliza as *mulheres negras* porque colabora com a universalização do sujeito *mulher* e a ênfase no patriarcado e apaga a racialização de homens negros.

Na tentativa de expandir seus negócios, *Sarah* se depara não só com o sexismo nas relações públicas, como também com o sexismo na relação privada, íntima, que mantém com o esposo. Ao retornar de uma reunião de negócios em *New York* em que a empresária não apresenta a proposta publicitária de *Charles Walker*, seu esposo, *Madam CJ Walker* descobre a traição do companheiro com uma de suas vendedoras, *Dora*. *Sarah* encontra *Charles Walker* no quarto de *Dora*⁴, sem sapatos e com a roupa desajeitada. A protagonista questiona:

SD 4 - Madam CJ Walker: Ela faz você se sentir bem? Ela faz você se sentir um homem?

Na SD 4, há dois períodos – (I) “Ela faz você se sentir bem?” e (II) “Ela faz você se sentir homem?” – que se complementam e mantêm relação de sinonímia. Desse modo, seguimos com a análise discursiva a partir das seguintes paráfrases:

- a. Ela faz você se sentir bem e se sentir homem?
- b. Dora faz você se sentir bem e faz você se sentir homem?
- c. Ter relações sexuais com Dora faz você se sentir bem e se sentir homem?

A equivalência dos dois períodos da SD 4, dada a cena descrita – a descoberta da traição – possibilita que completemos o sentido de *sentir-se bem* e *sentir-se homem* com *ter relações com uma mulher*. Desse modo, o tema da discussão, a *traição*, dá ensejo para as formulações:

- d. Ter relações sexuais com uma mulher faz um homem se sentir bem.
- e. Ter relações sexuais com uma mulher faz um homem se sentir homem.

⁴ Charles Walker é o terceiro marido de Sarah Breedlove. Ele dá seu sobrenome e nome da empresa de cosméticos à esposa. Quando a conheceu, ele trabalhava como vendedor de anúncios de jornais, mas logo passou a atuar na empresa da esposa como publicitário. Dora é uma das vendedoras porta a porta dos produtos capilares de Madam CJ Walker.



As formulações atualizam discursividades de gênero e sexualidade possíveis dentro das condições de produção da SD 4, condições amplas, marcadas pela ideologia cis-heteropatriarcal, segundo a qual, sentidos de gênero funcionam por um sistema binário, tal como masculino e feminino, em relação direta ao sexo, de modo que a correspondência gênero/sexo/desejo operam sob a estrutura heterossexista. Butler (2019, p. 26) explica que “a hipótese de um sistema binário dos gêneros encerra implicitamente a crença numa relação mimética entre gênero e sexo, na qual o gênero reflete o sexo ou é por ele restrito”.

Desse modo, faz parecer evidente para a personagem que “ter relações com uma mulher faz Charles Walker se sentir homem”. Essa e as demais paráfrases formuladas a partir da SD 4 são as paráfrases plausíveis (LAGAZZI, 2015) dentro do contexto de produção dado. Tais formulações/interdiscursividades foram regularizadas na formação discursiva cis-heteropatriarcal e se atualizam na enunciação de Madam CJ Walker.

A mesma matriz/estrutura cis-heteropatriarcal produz sentidos de gênero que também determinam os papéis hegemônicos de esposa que *Sarah* não se preocupa em cumprir, como observamos na SD seguinte, no mesmo diálogo com *Charles*:

SD 5 - Charles James Walker: Eu sou um homem, merda! Mas você não é mulher.
Você não cozinha mais para mim. Você esquece o que é ser esposa. Você se esqueceu do seu marido! E eu? Sou um homem, e a Dora sabe. Por isso, eu dormi com ela.

Afinal, o que é ser homem e o que é ser mulher? Nas SD 4 e 5, *Sarah* e *Charles Walker* atualizam um interdiscurso constitutivo de uma formação discursiva cis-heteropatriarcal, própria da estrutura que determina e condiciona o contexto de produção das sequências discursivas e dos sujeitos interpelados por sentidos de gênero. A ideologia cis-heteronormativa que interpela o casal estabelece performances de gênero bem definidos para um homem e uma mulher, posições sociais e discursivas que circulam pela regularização, repetição de discursividades gendradas. Pensem nesses dizeres a partir da segmentação da SD 5:

- Eu sou homem, merda!
- Mas você não é mulher.
- Você não cozinha mais para mim.
- Você esquece o que é ser esposa.
- Você se esqueceu do seu marido!
- E eu? Sou um homem, e a Dora sabe.
- Por isso, eu dormi com ela.

A partir da segmentação da SD 5, elaboramos as seguintes formulações:

- a. Você não é mulher porque você não cozinha mais pra mim.
- b. Você não é mulher porque você esquece o que é ser esposa.
- c. Você não é mulher porque você se esqueceu do seu marido.



Dessa forma, a SD 5 também atualiza um interdiscurso regionalizado na formação discursiva cis-heteropatriarcal. A partir dessas duas sequências discursivas, SD 4 e SD 5, estabelecemos as seguintes formulações:

- a. Eu (Charles) dormi com ela (Dora).
- b. Eu (Charles) tenho relações sexuais com uma mulher (Dora).
- c. Eu (Charles) sou um homem porque eu dormi com ela (Dora).
- d. Eu (Charles) sou um homem porque tenho relações sexuais com uma mulher (Dora).
- e. Você (Sarah) não é uma mulher.
- f. Você (Sarah) não é uma mulher porque não tem relações sexuais com um homem (Charles).
- g. Você (Sarah) não é uma mulher porque não tem relações sexuais comigo (Charles).
- h. Você (Sarah) não é uma mulher porque você não cozinha mais pra mim (Charles).
- i. Você (Sarah) não é uma mulher porque você esqueceu do seu marido (Charles).
- j. Eu (Charles) sou um homem, mas você (Sarah) não é uma mulher.

As formulações acima foram operacionalizadas pela segmentação e por procedimentos parafrásticos das SDs 4 e 5. Tais formulações representam outras formas de dizer o mesmo, ou seja, outras formas de atualização da memória discursiva. Neste caso, a formação discursiva cis-heteropatriarcal tensiona sentidos que seriam evidentes e que alocaria, em lugares e performatividades distintas, a posição-sujeito de homem e de mulher.

Na enunciação de Charles Walker, é evidente que Sarah não é uma mulher, é evidente que uma mulher cozinha para seu esposo, não se esquece de ser esposa e do seu marido. Na enunciação de Charles Walker, é evidente que ele é homem, e que ele dormiu com uma mulher (de verdade), afinal ele é homem, precisa e merece ser servido por uma mulher. De outro modo, podemos compreender que ser homem é ter relações sexuais com uma mulher e ser mulher é cumprir os papéis de esposa.

Ou seja, ser homem, independentemente do compromisso/estado civil, é cumprir a tarefa de transar com uma mulher, seja sua esposa ou não. Ser mulher é cumprir os papéis sociais de esposa, que envolvem serviços domésticos, como os de cozinhar, lavar, limpar, cuidar do ambiente privado, e, também,性uais, atendendo aos desejos do esposo. Dessa maneira, vamos entendendo como a subjetivação de gênero “prosegue interpelando e produzindo evidências que estreitam o já intrincado efeito de reflexo-refração entre corpo-gênero de si e corpo-gênero do/no outro [o que pode um homem e o que pode uma mulher]” (LINS, 2021, p. 129, acréscimos nossos).

Em outras palavras, “os corpos [...] são alçados a um lugar de representação do gênero e, assim, lhes são atribuídos, imaginariamente, (im)possíveis lugares de identificação” (LINS, 2021, p. 129).

Como dito anteriormente, para os gestos analíticos empreendidos nesta pesquisa, sentidos de raça e gênero são igualmente fundamentais, tal como explica Akotirene (2020, p. 51):



“necessitamos compreender cis-heteropatriarcado, capitalismo e racismo, coexistindo, como modeladores de experiências e subjetividades da colonização até os dias da colonialidade” e, portanto, da subjetivação dos sujeitos dos objetos-obra em análise. Sexismo e racismo destacam-se nas discursividades da minissérie, operando interseccionalmente na construção das posições-sujeito *mulher (e) negra*.

UM EFEITO DE (DES)FECHO

O objetivo deste trabalho foi analisar a constituição discursiva de posições sujeito *mulher negra* na minissérie *A vida e a história de Madam CJ Walker* (2020). Para tanto, apresentamos as condições de produção das narrativas para situar as estruturas e jogos de força da memória que entram em cena na enunciação das sequências discursivas que passaram por nossos gestos de análise.

Através das descrições das sequências discursivas identificamos uma articulação entre sentidos hegemônicos de raça e gênero, inscritos em formações ideológicas próprias das condições de produção da obra: estruturas coloniais, racistas, cis-heteropatriarcais, que não se sobrepõem, mas produzem experiências e discursividades gendradas e racializadas específicas.

A colonialidade, parte de estruturas sociais racistas, produz diversas formas de inferiorização de sujeitos racializados e, ainda, produz discriminação dentre esses sujeitos, por instituir um padrão brancocêntrico de beleza. Desse modo, a mulher negra de pele clara se aproxima do ideal de beleza, por estar mais próxima ao padrão branco do que uma mulher retinta.

De outro modo, apesar de não evidenciar a fragilidade feminina, naturalizada pela estrutura cis-heteropatriarcal, mulheres negras também são atravessadas por sentidos de gênero que determinam os lugares possíveis para as mulheres em uma estrutura social racializada. O sexismo também atravessa o casamento da protagonista, quando o marido a trai por estar incomodado com sua autonomia nos negócios e por não cumprir um padrão hegemônico de mulher e esposa.

REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, C. **Intersecciolidade**. São Paulo: Editora Jandaíra, 2020.

ALVES, B.; PINTAGUY, J. **O que é Feminismo?** São Paulo: Brasiliense, 1981

BUTLER, J. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

DEVULSKY, A. **Colorismo**. São Paulo: Jandaíra, 2021.

FANON, F. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução de Sebastião Nascimento. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

GADET, F.; HAK, T. **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 5^a edição. São Paulo: Editora UNICAMP, 2014.

HAROCHE, C.; PÊCHEUX, M.; HENRY, P. **A Semântica e o Corte Saussuriano**: Língua, Linguagem, Discurso. Tradução de Roberto Leiser Baronas e Fábio César Montanheiro. Publicado em: 29 de nov. de 2019. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/pecheux/1971/mes/semantica.htm>. Acesso em: 26 nov. 2024.



KILOMBA, G. **Memórias da plantação**: episódios de racismo. Tradução de Jess Oliveira. Rio de Janeiro, Cobogó, 2019.

LAGAZZI, S. Paráfrases de imagem e cenas prototípicas: em torno da memória e do equívoco In. **Análise de discurso em rede**: cultura e mídia. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015, p.177-189.

LEANDRO-FERREIRA, M. C. Análise do Discurso e suas interfaces: o lugar do sujeito na trama do discurso. **Organon**, Porto Alegre, v. 24, n. 48, 2010.

LINS, Anderson. Subjetividades em trama, corpos em transe: os mo(vi)mentos de identificação de sujeitos transgêneros no entremeio de sentidos de masculinidades e feminilidades. (Tese de Doutorado). Universidade Federal de Pernambuco. Centro de Artes e Comunicação. Programa de Pós-Graduação em Letras, 2021.

LINS, Anderson. “É menino ou menina?” Os efeitos do(re)conhecimento do corpo genitalizado nas condições de emergência de discursividades de gênero. In: FERREIRA, Maria Cristina Leandro; VINHAS, Luciana lost (org.). **O corpo na análise do discurso**: conceito em movimento. 1^a. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2023.

MODESTO, R. **V Rodada de Conversa GREPEM**: racialidades entre diálogos e tensões. 26 de jun. 2020.

ORLANDI, E. P. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 2000.

PÊCHEUX, M. Papel da memória. In. ACHARD, P. et al. (orgs). **Papel da memória**. Campinas, SP: Pontes, 1999, p. 49-57.

PÊCHEUX, Michel. Análise automática do discurso (AAD-69). In: GADET, Françoise; HAK, Tony. **Por uma análise automática do discurso**. Campinas: Editora da Unicamp, [1969] 2014.

PÊCHEUX, M. **Semântica e Discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução de Eni Pulcinelli Orlandi. 2. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1995.

TV UFBA. **TV UFBA na íntegra HD - Angela Davis - Conferência Completa em Alta Definição**. Youtube, 20 de setembro 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=waCyuzzap9I>. Acesso em: 14 ago. 2021.

ZOPPI-FONTANA, M. “Lugar de fala”: enunciação, subjetivação, resistência. **Revista Conexão Letras**, [S. I.], v. 12, n. 18, 2018. DOI: 10.22456/2594-8962.79457. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/conexaolettras/article/view/79457>. Acesso em: 26 nov. 2024.